

Os afetos de um caderno branco¹

The White Notebook Affections

Erly Vieira Jr.*

Nem sei por onde começar. Faz pelo menos uns três ou quatro dias que tento iniciar este texto, que se propõe ser uma resenha do último livro de Mara Coradello, *Armazém dos afetos*. Lançado no finalzinho de 2009, trata-se de um volume reunindo as crônicas publicadas pela autora no jornal *A Gazeta*, na segunda metade da última década. Achei que seria algo fácil, talvez por ter acompanhado e saboreado matinalmente a publicação, um a um, desses textos às quartas-feiras, durante os quatro anos em que Mara assinou a coluna. Talvez pela familiaridade que tenho com a sua escrita, pelo fato de sermos colegas de geração ou pela facilidade com que engrenamos conversas sempre interessantes e imprevisíveis, nas esquinas de Jardim da Penha, pelas quais freqüentemente nos esbarramos. Talvez por ter escrito uma vez, no texto de indicação da Mara ao Prêmio Taru 2007, alguma coisa sobre a incrível capacidade

¹ VIEIRA JR., Erly. Os afetos de um caderno branco. *graciano*, Vitória, ano 1, n. 3, p. 10-11, ago. 2010. Disponível em: <<https://blog.ufes.br/neples/files/2023/04/Graciano-n.-3.pdf>>. Acesso em: 15 maio 2023.

* Doutor em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

que ela tem de escrever sobre o mundo contemporâneo, com um olhar bastante afiado e urgente (embora nunca apressado) acerca do intimista, do efêmero e do imprevisível (este, em generosas pitadas) que regem a lógica desse nosso cotidiano do começo do século XXI – algo que, a meu ver, teria tudo a ver com o exercício da crônica, ainda mais num livro que arrisca-se a falar de afetos (transitórios ou não) em todas as suas páginas.

Talvez por isso tudo me seja um tanto quanto difícil saber por onde começar meu texto, e nisso já estou no segundo parágrafo, tentando enrolar o leitor, como se estivéssemos diante de algum insondável mistério, a ser revelado epifanicamente. Claro que não, né? Aliás, epifania sequer cabe nesta resenha, que se debruça (timidamente) sobre um conjunto de pequenas reflexões sobre um mundo que de nós exige a cada dia menos leveza – exigência essa que, de tão descabida, nos convida à resistência de maneiras tão líricas quanto as que permite a mirada certa de Mara Coradello. Afinal, o que fazer com esses afetos todos que emanam de nosso contato com o mundo e com as pessoas?

Certamente, deixar-se atravessar por todos eles, mergulhar deleuzianamente no impensado do corpo, para talvez descrevê-los em algum diário decomposto – por que não? “Desses do tipo que você abre o peixe e as espinhas saem inteiras”, como na crônica “Correio sentimental anônimo”. Percorrer as memórias, nomes e aromas como quem passeia de bicicleta pelas ciclovias imaginárias de uma ilha que insiste em ser chamada de Verdana. Aliás, a imagem que retive por mais tempo (e que por mais vezes reapareceu) após a leitura do livro foi essa da bicicleta – típica coisa “pra se fazer nas tardes mais felizes”, pra encerrar a série de citações aos textos que compõem mais este parágrafo em que tento tatear o peculiar universo das páginas do caderno já não tão branco de Mara Coradello.

Porque ela enxerga na minúcia e no banal toda uma gama de murmúrios e meios-tons que a nossos olhos apressados talvez passassem despercebidos. Um *ringtone* feliz que insiste em tocar fora de hora, uma embalagem na prateleira de supermercados, a fatia de bolo de queijo com café – tantos pontos de partida

para se falar da necessidade de trocar afeto, de começar e terminar novos amores, de abraçar um amigo que perdeu alguém importante, sem ter que recorrer aos desgastados clichês épicos ou (pior ainda) ao niilismo cínico que contamina boa parte da parcela de literatura brasileira contemporânea devotadamente festejada pelos cadernos de cultura dos jornais de circulação nacional. Aqui, é a voz rouca, quase sussurrada de Mara que transborda de cada texto, transfigurada nas surpreendentes imagens que, vez por outra, afloram nesse conjunto de crônicas assumidamente irregular – até por reunir textos publicados no calor da hora, para cumprir a periodicidade (primeiro semanal, depois quinzenal) que o jornal exigia. Contudo, se o conjunto por vezes peca por essa irregularidade, ele ganha força quando Mara lança mão de sua costumeira ironia na construção de imagens inesquecíveis – e aí, os mandamentos que compõem o “Manual de procedimentos para ser menos intenso”, ou personagens como a menina no quarto repleto de botões ou o insone que dorme feito morto na frente de um espelho, ou até mesmo a contabilidade de perdas de um amor (na verdade, de eventos sociais perdidos durante a vigência deste), surgem como legítimos sucessores dos protagonistas de alguns contos de seu livro de estréia, *O colecionador de segundos* (2003) – como, por exemplo, a mulher que colecionava camisinhas usadas em caixas de biscoito dinamarquês (no conto “Pílulas sujas”) ou o derradeiro episódio sexual numa câmara frigorífica de supermercado (em “Laticínios”).

É essa refinada ironia, nunca previsível, que faz compensar, muitas vezes, alguns outros deslizes no conjunto das crônicas – como, por exemplo, uma certa insistência em fazer da *flânerie* pelas paisagens de Vitória uma espécie de leitmotiv com tinturas bipolares. Leitmotiv este que acaba soando como supérfluo *mea culpa* por adotar uma saborosa dicção cosmopolita numa escrita que, já desde o livro anterior, assume-se como totalmente imersa na geração que tomou de assalto a literatura brasileira deste início de século – não por ser composta por escritores-blogueiros (embora Coradello também o seja), mas por arriscar-se a falar sem rodeios do “nosso” mundo contemporâneo usando a própria língua que se fala nele, sem distanciamentos afetados, e a partir da qual Mara arrisca-

se a construir um universo literário bastante próprio. Universo que não se encerra nos dois livros até agora publicados pela autora – mas também nos textos freqüentemente publicados no blog Livro (<http://livrodeanotar.wordpress.com>) e no seu antecessor, o *Caderno Branco de Mora Mey* (<http://cadernobranco.blogger.com.br>), fazendo crescer, ao menos em mim, a curiosidade pelos trabalhos vindouros dessa surpreendente escritora.



Capa da revista *graciano* e páginas da resenha de Eryl Vieira Jr.



OS AFETOS DE UM CADERNO BRANCO POR ENY VIEIRA JR

Nem sei por onde começar. Faz pelo menos uns três ou quatro dias que tento iniciar este texto, que se propõe ser uma resenha do último livro de Mara Coradello, *Armazém dos Afetos*. Lançado no finalzinho de 2019, trata-se de um volume reunindo as crônicas publicadas pela autora no jornal *A Gazeta*, na segunda metade da última década. Achei que seria algo fácil, talvez por ter acompanhado e saboreado matinalmente a publicação, um a um, desses textos às quartas-feiras, durante os quatro anos em que Mara assinou a coluna. Talvez pela familiaridade que tenho com a sua escrita, pelo fato de sermos colegas de geração ou pela facilidade com que engrenamos conversas sempre interessantes e imprevisíveis, nas esquinas de jardim da Penha, pelas quais freqüentemente nos esbarramos. Talvez por ter escrito uma vez, no texto de indicação da Mara ao Prêmio Taru 2017, alguma coisa sobre a incrível capacidade que ela tem de escrever sobre o mundo contemporâneo, com um olhar bastante afiado e urgente (embora nunca apressado) acerca do intimista, do efêmero e do imprevisível (este, em generosas pitadas) que regem a lógica desse nosso cotidiano do começo do século XXI – algo que, a meu ver, teria tudo a ver com o exercício da crônica, ainda mais num livro que arrisca-se a falar de afetos (transitórios ou não) em todos as suas páginas.

Talvez por isso tudo me seja um tanto quanto difícil saber por onde começar meu texto, e nisso já estou no segundo parágrafo, tentando errar o leitor, como se estivessemos diante de algum insólito mistério, a ser revelado epifanicamente. Claro que não, né? Aiáís, epifania sequer cabe nesta resenha, que se debruça (firmadamente) sobre um conjunto de pequenas reflexões sobre um mundo que de nós exige a cada dia menos leveza – exigência essa que, de tão descaída, nos convida à resistência de maneiros tão líricos quanto as que permite a mirada certeira de Mara Coradello. Afinal, o que fazer com esses afetos todos que emanam de nosso contato com o mundo e com as pessoas?

Certamente, deixar-se atravessar por todos eles, mergulhar desleixadamente no impensado do corpo, para talvez descrevê-los em algum diário decomposto – por que não? “Desse do tipo que você abre o pote e as espíritos saem inteiros”, como na crônica “Correio sentimental anônimo”. Percorrer as memórias, nomes e aromas como quem passeia de bicicleta pelas ciclovias imaginárias de uma ilha que insiste em ser chamada de Verdana. Aliás, a imagem que retivo por mais tempo (e que por mais vezes reapareceu) após a leitura do livro foi essa da bicicleta – típica coisa “pra se fazer nas tardes mais felizes”, pra encerrar a série de citações aos textos que compõem mais este parágrafo em que tento tatear o peculiar universo das páginas do caderno já não tão branco de Mara Coradello.

Porque ela emerge na minúcia e no banal toda uma gama de murmúrios e meios-tons que a nossos olhos apressados talvez passassem despercebidos. Um ringtone feliz que insiste em tocar fora de hora, uma embalagem na prateleira de supermercado, a falta de bolo de queijo com café – tantos pontos de partida para se falar da necessidade de trocar afeto, de começar e terminar novos amores, de abraçar um amigo que perdeu alguém importante, sem ter que recorrer aos desgastados clichês épicos ou (por aínda) ao milênio cínico que contamina boa parte da parolice de literatura brasileira contemporânea devotadamente festejada pelos cadernos de cultura dos jornais de circulação nacional. Aqui, é a voz rouca, quase susurrada de Mara que transborda de cada texto, transfigurada nas surpreendentes imagens que, vez por outra, afloram nesse conjunto de crônicas assumidamente irregular – até por reunir textos publicados no calor da hora, para cumprir a periodicidade (primeiro semanal, depois quinzenal) que o jornal exigia. Contudo, se o conjunto por vezes peca por essa irregularidade, ele ganha força quando Mara lança mão de sua costumeira ironia na construção de imagens inesquecíveis – e aí, os mandamentos que compõem o “Manual de procedimentos para ser menos interno”, ou personagens como a merinha no quarto repleto

de botões ou o incute que dorme feito morto na frente de um espelho, ou até mesmo a contabilidade de perdas de um amor (na verdade, de eventos sociais perdidos durante a vigência dietet). Surgem como legítimos sucessores dos protagonistas de alguns cortes de seu livro de estreia, *O colecionador de segundos* (2003) – como, por exemplo, a mulher que colecionava camisinhas usadas em cabos de biscoito dinamarqueses (no conto “Pilulas sujas”) ou o derradeiro episódio sexual numa câmara frigorífica de supermercado (em “Laticínios”).

E essa refinada ironia, nunca previsível, que faz compensar, muitas vezes, alguns outros deslizes no conjunto das crônicas – como, por exemplo, uma certa insistência em fazer da flânerie pelas passagens de Vitória uma espécie de leitmotiv com tinturas bipolares. Leitmotiv, este que acaba soando como supérfluo mea culpa por adotar uma saborosa dición cosmopolita numa escrita que, já desde o livro anterior, assume-se como totalmente imersa na geração que tomou de assalto a literatura brasileira deste início de século – não por ser composta por escritoras-bloggerais (embora Coradello também o seja), mas por arriscar-se a falar sem rodeios do “nosso” mundo contemporâneo usando a própria língua que se fala nele, sem distanciamientos afetados, e a partir da qual Mara arrisca-se a construir um universo literário bastante próprio. Universo que não se encontra nos dois livros até agora publicados pela autora – mas também nos textos freqüentemente publicados no blog Livro (<http://livrodenotar.wordpress.com>) e no seu antecessor, o *Caderno Branco* de Mara Mey (<http://cadernebranco.blogspot.com.br>), fazendo crescer, ao menos em mim, a curiosidade pelos trabalhos vindouros dessa surpreendente escritora.

